

A GUERRA ATÔMICA IMPÕE A MOBILIZAÇÃO NACIONAL EM TEMPO EXÍGUO

Ten-Cel RUI ALENCAR NOGUEIRA.
Oficial de EM

Como não podia deixar de ser, em todos os tempos da história da humanidade, a arte da guerra tem vivido das experiências adquiridas nos campos de batalha. Muito embora a imutabilidade dos princípios já estabelecidos e que vêm resistindo ao perpassar dos tempos, os processos modificam-se sob a influência dos conflitos anteriores.

O aparecimento de um novo engenho, entretanto, constitui sempre uma surpresa, deixa perplexos os espíritos menos avisados e assusta a humanidade inteira, que não se detém num exame mais minucioso do problema. Alardeam-se, então, notícias que tendem para o exagero e admite-se a completa destruição do gênero humano. Supõe-se não mais ser possível fazer face a tão mortífero engenho que, pelas suas características, porá um ponto final nas guerras.

Assim foi no aparecimento da pólvora; tal sucedeu às armas rajadas, de maior alcance. Quem poderia lutar contra as terríveis metralhadoras? E contra os blindados? Que dizermos das pesadas fortificações? E as perigosas bombas — de todos os tipos, inclusive gelatinosas, usadas pela aviação? E os gases de combate? E os lança-chamas? Quem não se recorda da sub-reptícia atuação dos submarinos? E as misteriosas minas, a explodirem por toda parte?

Se isto não bastasse, ao fim da última guerra, surgiu a apavorante bomba atômica, correspondendo, simultaneamente, ao fragor de algumas toneladas de dinamite, porém oferecendo resultados mais catastróficos.

Daquela época até o presente, inúmeros foram os seus aperfeiçoamentos, maior é a previsão do poder destruidor dos engenhos nucleares e termonucleares, sem que, entretanto, tenham sido tratados como uma arma de guerra, de uso corrente.

Eis porque, diante desta previsibilidade aterradora, a humanidade está debatendo-se numa terrível interrogação: haverá a tão propalada destruição total? Não existirão, por acaso, os meios de defesa contra estes mortíferos engenhos?

Servindo-se, apenas, dos ensinamentos obtidos na última guerra e das experiências dos campos de provas, é natural que não seja possível aos estudiosos afirmar quais os melhores processos de defesa e de salvação da espécie humana.

Entretanto, baseados nos conhecimentos técnicos e científicos existentes, devemos compreender que nem tudo está perdido, nem será aconselhável cruzarmos os braços, derrotados prematuramente, à espera do momento fatal.

Primeiramente, urge envidarmos todos os esforços no sentido de manutenção da verdadeira paz, consubstanciada nos princípios democráticos e cristãos, capazes de assegurar a perfeita valorização da criatura humana, através da aceitação do sentido espiritual da vida, sem misticismos e fantasias, mas, ao contrário, dentro da realidade insofismável do mundo contemporâneo.

A seguir, precisamos congregiar os recursos ao nosso alcance, entre tôdas as camadas sociais, a fim de realizar o planejamento da defesa contra aquilo que — a uma só voz — é admitido como instrumento de destruição total.

Uma vez aceita a instantaneidade do funcionamento destes meios, é lógico consideremos, forçosamente, a necessidade da rápida mobilização dos nossos recursos disponíveis, visando salvar quanto nos seja possível.

Por outro lado sabemos que, conforme sempre aconteceu em todos os tempos, o emprêgo das armas de grande potência de fogo serve para abrir caminho, neutralizar resistências ou imobilizar prematuramente os defensores, favorecendo o avanço dos atacantes, sob condições favoráveis, para a ocupação do terreno.

Não serão diferentes os métodos ofensivos de um futuro conflito, pois é curial que, enquanto a infantaria aguerrida não põe o pé no terreno e consolida a posse do objetivo conquistado, não está assegurada a vitória.

Evitando exemplos distantes no tempo, lembramos a “batalha aérea da INGLATERRA”, que não pôde ser derrotada pelos nazistas e a campanha do JAPÃO, que também exigiu pesado ônus dos aliados, para a conquista definitiva das inúmeras ilhas, defendidas palmo a palmo. Não fôsse a surpresa causada pela bomba atômica, além de outras derrotas nas frentes nipo-fascista e estivessem os espíritos mobilizados para resistir com vigor, certamente outra teria sido a evolução da guerra passada.

Impõe-se, portanto, um trabalho específico de mobilização nacional, no sentido da nossa defesa, à vista da instantaneidade do funcionamento dos engenhos nucleares, sob pena de ficarmos impossibilitados de superar as fragilidades no nosso sistema, porque a improvisação — muito do nosso agrado — não terá cabimento.

Os povos amantes da paz, por tradição e por sentimento, no mundo hodierno, não ficarão imunes às possibilidades de agressão das outras nações. Impõe-se sejam tomadas providências e que todos estejamos convencidos da necessidade de podermos mobilizar rapidamente os recursos ao nosso alcance, no quadro da segurança nacional.

Antes de mais nada, esta mobilização principiará pela nossa completa e perfeita integração aos ideais democráticos, firmando em nosso espírito a convicção de que, através do regime de governo escolhido para o nosso país, com a cooperação de todos os brasileiros, conseguiremos a felicidade do povo e o bem estar geral.

Porém, da mesma forma, é indispensável nos convenceremos do nosso dever de acorrermos imediatamente ao chamado da Pátria, sem tergiversação ou delongas, na defesa do nosso patrimônio, se formos agredidos impiedosamente.

O Brasil já foi chamado — e muito bem — o “coração do mundo e a Pátria do Evangelho” caracterizando, com isto, realmente, o espírito ordeiro, pacífico e cristão da nossa gente.

Entretanto, o nosso coração está sempre protegido pela contestura do nosso peito, que servirá de escudo na defesa dos sagrados princípios que esposamos e o nosso cérebro também está contido na resistente calota craniana a fim de nos permitir um raciocínio justo e perfeito, indicando-nos, em qualquer caso, o roteiro de brasilidade que nos compete seguir nesta quadratura da vida.